



QUINTA-FEIRA
Lisboa--28 de Janeiro de 1932

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

257
Alvarenga 547



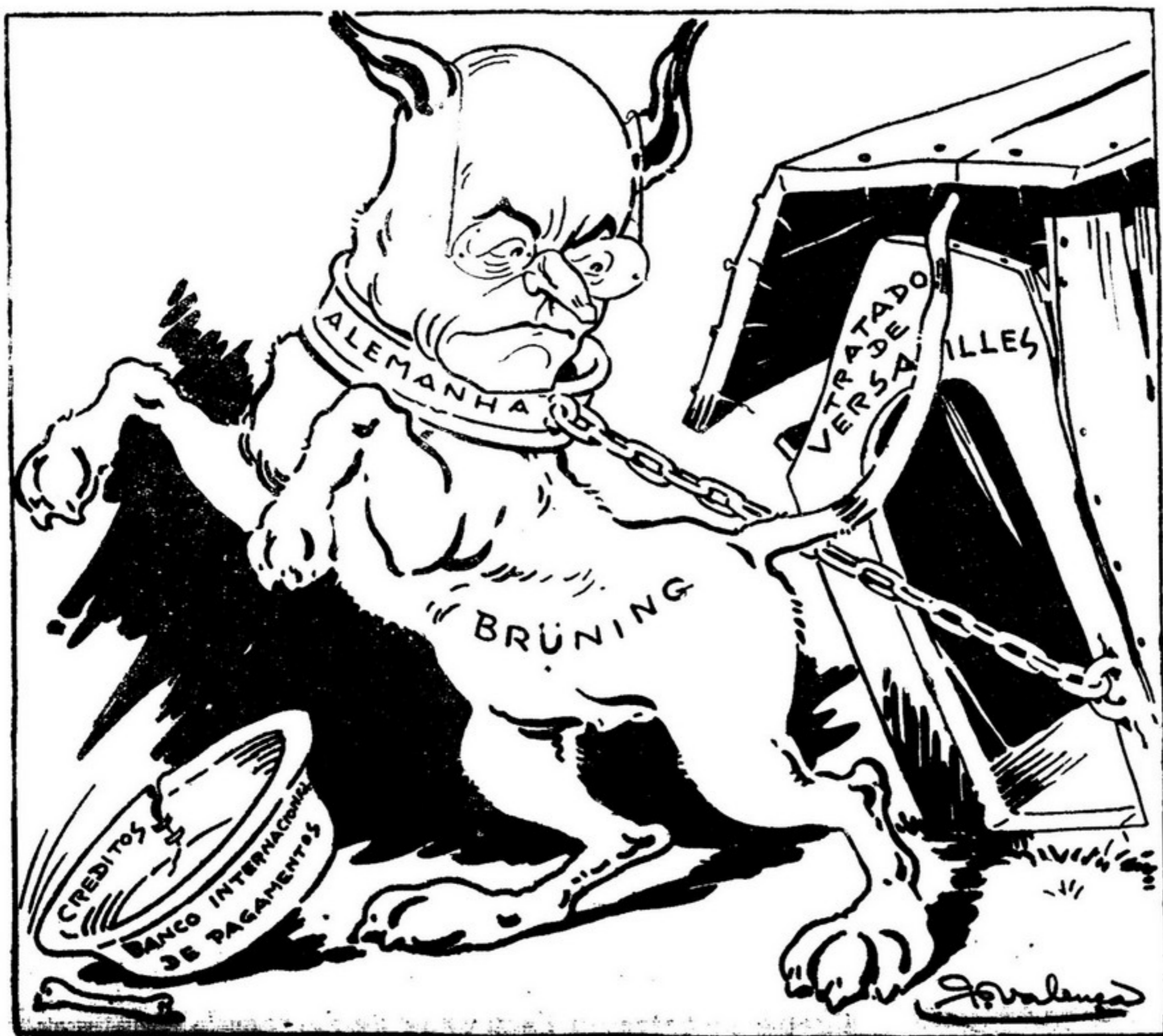
sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 45

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

O "cão" das reparações alemãs



CALOTE ÜBER ALLES



Os ditos da semana



A crise Aqui ha anos — bem poucos, por sinal — havia dinheiro a ródos. Quem tivesse um chapéu de côco ja velho, vendia o pelo décuplo daquilo que lhe tinha custado. Os novos ricos pulavam ai por todos os cantos. O commercio enriquecia. A industria prosperava. Não havia negociante que não tivesse meia duzia de automoveis, casas luxuosamente mobiladas, amantes de importação, charutos de palmo e meio e os dedos cheios de cachuchos como se todos fossem cortadores.

A gente olhava para aquilo tudo com uma pontinha de inveja e dizia com os seus botões:

— Como eles enriquecem!... Mas são eles, que nós cá estamos na mesma...

Fundaram-se Bancos e Companhias, empresas grandiosas, introduziram-se novas industrias e começaram-se a estudar as artes do desfalque.

Nós, como sempre, pensávamos:

— Tudo aquilo é lá com eles...

Vimos construir palacetes, agricultar terrenos até então incultos porque era preciso arejar o dinheiro, dar-lhe que fazer, mas, como o dinheiro era dos outros, nós limitávamos nos a congeminar com certa pena:

— A sorte deles!... Como eles andam com sorte!...

Depois veio a crise. A roda começou o desandar. Venderam-se e empenharam-se os palacetes e os automoveis, os commercios e as industrias; apagaram-se os charutos e expostaram-se as amantes. Os bancos, as companhias, as empresas grandiosas foram-se abaixo e a crise atingiu o seu auge. Não ha vintem! Reina a miseria, impera a pelintrice e nós que não tinhamos beneficiado do tempo das vacas gordas, do dinheiro a ródos, nós que não tivemos palacetes, nem automoveis, nem charutos, nem cachuchos, nem empresas, nem bancos, nem companhias, e que, quando muito e por muito favor e pelos nossos bonitos olhos tivemos as amantes deles em segunda mão — triste rebutalho sorvado — não podemos agora dizer como sempre:

— Deixa-los. Aquilo é lá com eles...

Agora dizemos como eles:
— Ai Jesus que isto tambem é conosco, é com nós todos. Mas ha direito? Então nós não deviamos estar excetua-

dos das vacas magras como o estivemos das vacas gordas?

Breve de amor Em Los Angeles — na America do Cinema está visto — foi proibida a representação da Lysistrata de Aristofanes e prezos os seus interpretes, sob a acusação de terem tomado parte num espectáculo indecoroso.

No comedia de Aristofanes ha, como o leitor devia saber se não sabe, uma mulher que aconselha as outras a declarar a greve do amor.

A imprensa de todo mundo tomou conta do caso e attribuiu o facto a um excesso de pudor, sem se lembrar de que o que ofendeu os sentimentos da população de Los Angeles foi exactamente ouvir falar em greves de amor. Ali não ha greves dessas. Começasse no beijo de quatrocentos metros e em vez de se acabar em greve, acaba-se na officina... a trabalhar...

Em dez minutos Com a devida venia, de pé atraz, porque a noticia vem da America, transcrevemos do nosso prezado e sisudo colega «Diario de Noticias»:

«Os americanos, em questões de divoreio, levam lampas a todo o mundo. Batem nisso todos os records. E são famosos alguns Estados e algumas cidades da America do Norte, pela facilidade que em materia de libertação fornecem aos esposos fatisados da vida conjugal.

Até agora estava á cabeça do rol a celebre cidade do Reno, onde bastava passar duas semanas para obter o divoreio. Os juizes de Juarez (Mexico) arranjaram muito melhor. E muito simples. Um casal comparece diante deles: marido e mulher assinam uma declaração de que pretendem romper os laços matrimoniaes, e pronto — os juizes decretam a separação.

A operação dura dez minutos. Sistema, como se vê, absolutamente americano!»

Não nos surpreende a noticia, tanto mais que, desde o principio do Mundo, o sistema é corrente. Adão e Eva não o uzaram nunca apenas porque não valia apena. Os encantos do divoreio resultam,

não do facto do gente se ver livre duma mulher, mas principalmente de poder substitui-la por outra. Ora no Paraiso Terreal, como devem saber alguns dos nossos leitores, a mulher era só uma, porque o creador tinha tido a cautela de evitar á mãe Eva o supplicio duma sogra. De resto, desde que o mundo começou a ser povoado, até os nossos dias, é corrente fartar-se uma pessoa duma mulher em dez minutos. E, uma vez farto, deslaza-se dela, divorcia-se. Nós só não compreendemos para que é que, lá para a America, ainda teimam em se casar. Sim, porque para haver um divoreio daqueles não é forçoso que as pessoas se tenham casado anteriormente.

Um feito... O Telegrafo traz-nos de Madrid esta noticia curiosissima:

«MADRID, 20. — Na rua do General Lacy, quando Manoel Feito se encaminhava para casa, saíram-lhe ao encontro quatro mulheres e um homem, que lhe deram uma tarefa, roubando-lhe um gabardine e todo o dinheiro que levava. — Especial.»

Aqui, neste caso, o homem parece-nos de mais. Com as quatro mulheres, Manuel Feito, porque era Feito, facilmente cometeria o feito de se bater. Como, porém, entrava em scena um homem, não admira que ele apanhasse a sua conta. O que admira é que, dada a qualidade do apelido da vitima, as mulheres lhe tivessem tirado apenas a gabardine.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

Dr. Manoel Fernandes Cruz



Ilustre Director da Faculdade de Farmacia. Famalicao no Hospital do Desterro.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

A revista de Carnaval do teatro Politeama é, segundo dizem os jornais, do escritor Vasco de Mendonça Alves.

Já ha quem diga tambem que o Politeama levará em seguida um drama muitissimo historico, original do revisteiro Lino Ferreira.

■ ■ ■

DIZ-SE que, na peça nova do dr. Ramada Curto, o assunto gira á roda duma cadeira onde os personagens se sentam e mesmo sem querer dizem todas as verdades.

Por esse motivo, a peça intitula-se *A Cadeira da Verdade*.

Consta tambem que o dr. Ramada Curto se vai sentar na cadeira. — Depois é que é obrigá-lo a dizer ali as verdades todas!

■ ■ ■

C Trindade continua levando á cena *O Aldrabão*, e com grande exito.

O publico afflui. Se fôsse, em vez de *O Aldrabão*, *Um homem sério*, o publico, se calhar, não ia lá.

■ ■ ■

UMA pergunta: Afinal, o que ha sobre o novo fonofilme português? Agradece-se muito a quem der noticias de *Os Campinos do Ribatejo*.

■ ■ ■

O Avenida fez uma renovação interessante de operetas portuguesas antigas. Mas antigas não eram só as operetas. Era tudo. Até, num dos espectaculos de *O Burro do sr. Alcaide*, dois espectadores já velhotes recordavam a estreia daquela opereta, ha cerca

de quarenta anos, naquele mesmo teatro.

A certa altura, diz um para o outro:

— Lembras-te da noite da estreia? Foi um successo. Isto recorda-me esses tempos. Olha, tu vê aquela corista? Pois, na noite da estreia de *O Burro do sr. Alcaide*, estive toda a noite a atirar-me para ella. E olha que ella, apesar de já nesse tempo não ser nova, pois teria uns quarenta anos, dava-me sorte.

Bons tempos!

■ ■ ■

RECORTAMOS do *Diario de Lisboa*:

«O actor José Gambôa vai interpretar, no novo original do dr. Ramada Curto, *A Cadeira da Verdade*, um papel de grande interesse e importancia.»

Dizem as más línguas que o papel é o proprio José Gambôa, sem tirar nem pôr.

Partidinha do dr. Ramada Curto, pela certa.

■ ■ ■

C Seixas Pereira mudou, segundo dizem os jornais, o nome do seu vaudeville. Até aqui chamava-lhe *A Batalha Naval*; agora já se intitula *A Venda do Bacalhau*.

O pior é que um jornal deu a noticia e deturpou o nome, chamando-lhe *A Avenida do Bacalhau*.

Que sarilho, hein! E o Seixas Pereira que está agora no Porto!

■ ■ ■

AMELIA Rey Colaço-Robles Monteiro representaram já esta epoca



— Antes vendias castanhas, agora és engraxador?
— E' que este officio é mais divertido debaixo de todos os pontos de... vista.

as seguintes peças de escritores portugueses:

Leonor Teles, *Severa*, *Conspiradora* e, agora muito recentemente, no Porto, *O Amor de Perdição*.

Tudo original portuguezes... do nosso tempo!

■ ■ ■

O «Tostão Teatral» continua a sua obra simpatica. Mas, como está tudo a aumentar, dizem já que a instituição se vai passar a chamar — *Os Cinco Testões Teatraes*.

■ ■ ■

ESTE ano, a direcção do Gremio dos Artistas reúne quatro actrizes:

Lucilla Simões, Emilia Fernandes, Brunild' Judice, Auzenda de Oliveira.

Começam as mulheres a mandar. Por enquanto, em agremiações particulares e, brevemente, na vida publica.

Então tudo levará uma grande volta.

Pois se, com ellas, isto dá uma volta, ellas que venham.

■ ■ ■

VOLTAMOS ao tempo antigo. Tudo agora são reprises. Entre muitas outras *A Morgadinha de Val-Flôr*.

Ha que perguntar: Daqui a cincuenta anos, os original portuguezes da actualidade serão representados?

■ ■ ■

DO *Diario de Lisboa*:

«Em resultado da boa administração havida na sociedade artis-

tica do Apolo, os seus associados perceberam até agora 50 por cento dos seus honorarios habituais, pelo que continuam merecendo todo o auxilio do publico pelo seu esforço.»

Como se demonstra, nem sempre os empregarios são precisos, sobretudo quando os artistas estão a ganhar!

■ ■ ■

NO Apolo está em ensaios, para o Carnaval, uma revista intitulada — *Não penses nisso!*

Com certeza que não é na revista!...

■ ■ ■

OUTRA do *Diario de Lisboa*:

«Duas actrizes, ambas contratadas para companhias distintas, antes da sua reparação nas mesmas, deverão estrear-se noutro teatro e na mesma companhia.»

Eis o que se chama uma dupla estreia!

■ ■ ■

CARLOS Leal está escrevendo um livro intitulado *Agua Forte*. Vamos lá vêr a qualidade e a perfeição das gravuras! E se são autenticas!

■ ■ ■

NO Capitolio vai estrear-se uma revista com o titulo *Luz de Mel!* Se chegar á centesima representação, ha que mudar-lhe o titulo para *Bodas de Ouro*.

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



— Nós é que sabemos o valor das potencias; os ingleses estão por baixo.

O telefone do maluco

O dr. Sertorio Calvo não era, como o seu apelido pode fazer supor, um homem desprovido de atributos. Tinha, pelo contrario, uma linda cabeleira, naturalmente encarada, que enquadrava elegantemente as suas belas feições de «homem bonito» que muito enfeitavam as suas clientes.

Era especialista em doenças nervosas e tinha sempre o consultorio repleto de damas que supunham estar doentes dos nervos; e ninguém como ele para debelar a morbidez das suas graciosas consultantes, para cujo fim dispunha de vastas reservas mesmo fora da medicina...

Uma das suas doentes era a bela madame Berta Oliveira, que tinha ficado tão perturbada com a morte do marido que, durante dois annos, conservou uns tremeliques bastantes desconsoladores.

O dr. Calvo tratou-a com todo o carinho, esgotou a sua sabedoria clinica, consultou os melhores tratadistas da especialidade e acabou por convencer-se de que o que madame Oliveira precisava para voltar á primitiva era um «medicamento» que não figurava na farmacopeia, mas que é de resultados infalíveis nos ataques nervosos das viúvas em bom estado de conservação...

E, como não era péco, tinha boa figura e aptidões donjuanescas, o dr. Calvo acabou por ensaiar o dito remedio, com plena aquiescencia da doente e com um exito que excedeu a mais optimista expectativa: os tremeliques da viúva foi um ar que lhes deu!

Tempos depois de o dr. Calvo ter sido convidado para assumir a

direcção do Manicomio, a sua formosa amante manifestou o desejo de visitar aquele edificio por mera curiosidade, pois tinha ouvido dizer que os doidos teem, ás vezes, certas «saídas» que nos fazem esquecer a sua desgraçada situação, chegando a excitar o riso.

— Posso lá ir, não posso? Eles não fazem mal, pois não? — perguntou ella, entre dois beijos, enquanto preguiçavam na cama antes de se decidirem a erguer-se.

— Podes. Eu estarei presente e o chefe dos enfermeiros tambem. De resto só visitarás a secção dos doidos cegos. Da outra secção não é permitido a ninguém aproximar-se...

Ella, tão engraçada, ás vezes?

— São. Tenho lá algumas que teem pilhas de chiste. Tu verás...

— Fazer-me tanta peninha com esse infeliz! — disse ella, penalizada.

— É um pejo de ternura! — replicou elle, encantado.

E como ella olhava para elle com olhos muito ternos, o Calvo foi-se entretendo a beijar-lhe as mãos e os braços até ao sangradouro.

— Está quietinho, filho, que me fazes cócegas! — disse a madame, pretendendo furtar-se aos atrevidos pélos do bigode do doutor.

Depois, como elle se torna-se um pouco mais ousado, ella comentou, bisonha:

— Ai que homem mais descarado! Nunca vi! O meu defunto marido...

O Calvo atalhou a frase para rectificar:

— O teu defunto marido era trouxa...

E, por uma «razão especial» que

não vem para o caso, resolveu não se levantar tão cedo...

Um recanto do pateo de recreio dos doidos. Um deles empilha pedras sobre pedras e utiliza um fio de prumo feito com um cordel com uma pedra atada na extremidade. Outro, sentado no chão, toca piano furiosamente num banco. Outro, mais longe, está ajoelhado deante de uma grande boneca de trapo, fazendo declarações por mimica. Atravessa o pateo um grupo de seis doidos em fila, imitando o rodar do comboio com o bater dos pés, a compasso, no chão; o «maquinista» imita o silvo da locomotiva: «Tutututututut!» Os outros malucos, entretidos como estão, não dão por nada. Entra outro doido, trazendo um banco de cozinha; num dos topos do banco ha uma manivela; no outro topo está preso um cordel que liga pela outra extremidade com uma caixa de graxa. É o auscultador do «telefone».

O «telefonista» dá á manivela e pergunta:

— Está lá? Está lá? (Pausa). Dê-me «Reclamações». (Pausa). E «Reclamações»?

O' menina, então hoje o telefone para o céu não trabalha? (Pausa). Não, senhora, o S. Pedro não está impedido... Ligue já. (Pausa). Está lá? Está lá?

Neste momento, entram o dr. Calvo, madame Berta e o enfermeiro.

— Que tristeza, meu amigo! — diz ella, condoída.

— Cada um tem a sua mania. Este julga-se um grande architecto, aquelle um musico famoso e aquelloutro perdeu a razão por causa duma mulher...

— Ha mulheres muito más! — confirmou a formosa Berta.

O doutor reparou que o enfermeiro se tinha apartado e disse-lhe, beijando-a, á sucapa:

— Mas tu és um anjo do céu!

— Juízo. Podem ver...

— Não percebem. São malucos...

— E aquelle? — perguntou a viúva, apontando o «telefonista».

— Aquelle é o mais engraçado que cá tenho. Tem a mania de que fala com S. Pedro pelo telefone e dá umas respostas muito engraçadas a respeito dos defuntos...

— Vou-lhe perguntar por meu marido...

— Vais ver o que elle te responde...

E dirigindo-se ao doido:

— Ouve lá. Esta senhora quiere falar para o céu. Liga para o S. Pedro e pergunta-lhe pelo Cornelio...

O maluco «fez a ligação» e perguntou:

— Está lá? Está lá? E' S. Pedro?

E' S. Pedro? Ouve lá: o Cornelio está bom? (Pausa. A' viúva): Diz que vai ver ao livro... (Pausa. A...tendendo): Estou, estou, diz lá.

(Pausa). Ah, não? (Pausa). Oh, coitado!

A viúva, muito interessada, inquiriu:

— Que diz o S. Pedro?

O doido respondeu:

— Diz que no céu não está, no purgatorio tambem não...

Madame Berta, para disfrutar o maluco, ainda perguntou:

— Então onde está? No inferno?

— Não! — respondeu o doido. — Diz o S. Pedro que tiveram que o mandar p'r'a officina — para poder entrar no céu.

J. C.

Graca nos outros

João: — Sobretudo, não digas a ninguém uma palavra do que te disse sobre ella!

Maria: — Descansa! Faço o mesmo que tu!

A' zaida dum consultorio de beleza:

Ela: — Que bela cara, senhora!

Flora: — Cara? Custa-me trescentos mil réis por sessão!

Na rua:

O policia: — Está preso!

O ladrão: — Se tivesse escutado os conselhos de meus pais, que queriam que eu fosse policia, quem e prendia agora era eu!

O Pintor Antonio Soares



que expõe no Salão da Ilustração Portuguesa, com extraordinario exito

SONHANDO . . .



— Não, isso não, menina! Vira lá isso para outro lado! . . .

O PORCO

Havia, e creio que ainda ha, num dos concelhos do Minho um advogado a quem alcunharam de «O Porco», não sei se pelo simples facto de uma má pronuncia, se pela semelhança intelectual.

Deste caudidico, cujos argumentos espantosos correm fervilhantes de humorismo pela bôca dos seus contrerancos, quero aqui fixar uma pequena anecdota, passada num julgamento importante.

Instava o doutor «Porco» uma testemunha que, apesar de inculca e bisonha, lhe dava, como soe dizer-se — agua pela barba.

— Então a testemunha afirma ter visto o meu constituinte saltar o muro do quinteiro do Zé da Rosa, no dia 22 do corrente?

— Não senhor, eu não vi o sr. «Consultante», eu vi mas foi o maroto do Joaquim...

— E tem a certeza absoluta que foi elle que desflorou a Maria Rosa?

— Eu lá a certeza não tenho, porque nessas coizas, como dizia

o meu pai, nem tranqueiro nem bueiro se avaliam pelo cheiro.

O tribunal ria a bom rir com o dito do laponio, o que de veras irritou o defensor que, perdendo a cabeça e para inutilizar a testemunha, perguntou abruptamente:

— Oiça lá, você não é tambem conhecido por «O peçoço de burro»?

— Eu sou, sim, sr. doutor.

— E diga-me lá: você sabe porque é que lhe chamam assim?

Aqui o tribunal ficou mudo, pávido, como se fôsse assistir a uma catastrophe; só o nosso doutor, com um riso escarvinho e victorioso, a toga em parte lançada sobre o ombro direito, parecia um general romano numa entrada triumphal.

O labrego coçou a cabeça e, depois de pensar (?) um bocado, respondeu com um sorriso alvar:

— Eu cá não sei, sr. doutor, mas talvez seja pela mesma razão que a vossoria chamam «O Porco».

ALBAR.

Elevador da Gloria

O proprietario: — Com effeito, preciso dum homem honesto que me guarde a quinta. Posso ter confiança em si?

O candidato: — Absoluta! Estive empregado numa casa de banhos e nunca tomei nenhum...

Num taxi:
O passageiro: — Faz favor de ir mais devagar!

O «chauffeur»: — Ora essa, porquê?

O passageiro: — Porque entonteço vendo o contador marcar tão depressa!...

Junto do aparelho de radiofonia:

Ela: — Que estação quiere que capte?

Ele: — A da Cidade do Cabo!

Ela: — Mas essa não a posso captar!

Ele: — Exactamente por isso!



Ela: — Então o Menino Jesus não te deu nada pelo Natal?

Ele: — Não. Meu pai zangou-se com a minha mãe e escangalhará a chaminé...

Homem confiado

A Aninhas deixara-se prender de amores por um negro bailarino que encontrara certa noite em casa das Vasconcelos. Mas — horror! — algum tempo após, verificou encontrar-se num estado que o vulgo chama interessante — por não ter graça nenhuma.

E porque o dr. Silva era seu íntimo amigo, resolveu confessar-lhe o seu pecado.

— Diga-me, doutor: o meu do será negro?

— Mas, evidentemente.

— Mas o que dirá meu marido quando vir a criança?

— Escute, Aninhas... Na rua... (e o medico indicou uma rua perto da casa da Aninhas) ha uma relojoaria que tem na montra um negro em bronze, enorme, com um relógio na barriga...

— Sim, doutor.

— Bem. Amanhã, ás tres horas, você vai passear com o seu marido. Eu reunir-me-hei a você como por acaso. Passaremos pela relojoaria. Você finge ver a tal figura do negro pela primeira vez e, soltando um grande grito, simula uma síncope. Eu direi então a seu marido que, no estado em que você se encontra, o caso pode ter gravissimas consequências, tais como... a de poder ter um filho negro...

— Obrigado, doutor, muito obrigado.

Alguns meses depois, a Aninhas deixava ao mundo um robusto criança da cor do ébano.

A comadre parteira foi um pouco confusa mostrá-lo ao marido, que, pegando no negrito, se apressou a levantar-lhe as roupinhas para lhe ver a barriga.

Depois, com um grande sorriso de satisfação, murmurou:

— Enfim... Respiro... O que eu receava é que ele viesse ao mundo com um relógio na barriga.



O profeta Ezequiel que estudou, de baldios, o aproveitamento dos Campos...



— De todos os cães que ela tem sou eu o mais pequeno.

A meia que serve de "meio"

É uma das coisas que mais me preocupam na *toilette*: as botas, perdão (botas já ninguém usa), os sapatos engraxados. O meu criado de quarto sabe isso muito bem, e por isso lhes dá todas as manhãs um lustro maior do que o lustro que ha de ter, em toda a Eternidade, a Academia do sr. Dantas. Estão a ver, então, quando chove, o cuidado com que eu desço o Chiado, só para que a chuva e a lama me não sujem os sapatos. Um autentico salta-pedrinhas.

Ora, uma tarde destas, chovia a baldes e desci eu o Chiado, a caminho da Ferrari, onde me esperavam dois amigos. Negocio sem importancia, devo dizer: mas, enfim, como tinha prometido ir tomar chá com eles, não queria de maneira alguma faltar; e para tomar um taxi da rua Ivens (onde moro desde pequenino) até á rua Nova do Almada, arriscava-me a ser preso por burla á ordem do *chauffeur*... Estão a ver: pequenos serviços não são os nossos *chauffeurs* que os fazem...

Ja eu, pois, muito preocupado com os meus sapatos, debaixo do guarda-chuva, quando ouvi uma voz feminina junto a mim:

— Ah! Que imbecil!

Claro que eu, conhecendo-me tão bem como me conheço, sei perfeitamente que não sou imbecil, e que por consequencia a voz feminina não podia dirigir-se a mim. Em todo o caso, como sou curioso, voltei a cabeça:

— O senhor não sabe onde põe os pés? Ou o chão é todo seu?

Era uma senhora realmente bonita, ainda nova, de pele fresca e olhos brilhantes; apesar do olhar fulminante que naquele momento ella me deitava.

— Minha senhora, queira desculpar-me se por acaso a maguei! — disse-lhe eu com uma voz

untuosa, cujo timbre apanhei sem querer a um visinho meu.

— Por acaso ou propositadamente, o que sei é que me pisou! — respondeu ella com uma voz irritada, uma voz de societaria do teatro Nacional.

— E não lhe pedi eu, porventura, já, que me desculpasse? Parece-me que, com um pouco de bondade da sua parte, o incidente poderia ficar por aqui...

— Parece-lhe. Eu por mim desculpo-o de boa vontade. Mas o senhor estragou-me um par de meias, um lindo par de meias de que eu tanto gostava, e é justo que o senhor m'as pague.

Aproximei-me então mais da senhora e, á luz duma montra, quiz examinar o prejuizo que tinha causado, antes mesmo de pensar em pagá-lo. E tive então oportunidade para ver uma linda perna, perfeitamente modelada por uma linda meia cor de chumbo. O mal não era grande: com o calcanhar, tinha tocado e sujado vagamente a meia da senhora. E puxando do meu lenço de seda da China:

— Permita, minha senhora, que limpe o que sujei...

A bela desconhecida aproximou-se duma escada, pousou o lindo pé no degrau de pedra, enquanto eu, curvando-me um pouco, e sempre coberto pelo guarda-chuva (que abrigava agora duas pessoas num espaço bastante pequeno) lhe começava a esfregar a meia com o lenço.

O resto dispensará talvez uma descripção. Em todo o caso, devo dizer-lhes que foi assim que nos fizemos imediatamente amigos. Não vão agora julgar que se tratava duma heresia vulgar; não: era, pelo contrario, uma pessoa honesta a quem o marido nunca tinha feito aquilo.

MYSELF.

Economia caseira

O José Pequeno é uma pessoa muito conhecida em sua casa (deje, bem entendido), mas não sei se por influencia da sua pequenez, se por qualquer outro motivo, o caso é que, sendo ele guarda da noite, nunca conseguia guardar sufficientemente a sua consorte.

Como disse acima, amigo José Pequeno era guarda da noite, zeloso ao ponto de entrar para o serviço ás 19 horas certas, só o deixando ás 5 da manhã seguinte. Então, era vê-lo, de longada ataca, a tepidez convidativa da almofada, onde a sua estimada esposa, a Maria Grande, o esperava com o café quentinho, pronto a ser tragado, para depois receber no leito e descansar duma noite feliz e de intenso trabalho.

Tia Maria tinha para seu uso um despertador que invariavelmente dava o alarme a por volta das 4, mas o destino, que tudo manda, e como tudo se descobre, não fugiu á regra neste caso da esposa infiel.

Por esquecimento, a tia Maria Grande não deu ao "alarme" e, ás 5 em ponto, o José Pequeno chegou á porta, ripou da chave, abriu e entrou.

Oh! Quadro horrivel!

Onde contava encontrar o café quentinho, ardia placidamente um candieiro di Vacuum e no sitio em que a elle pertencia dormir tranquilo via-se um marmanhão ao lado da sua esposa, a essa hora nos braços de Morfeu.

José Pequeno, julgando estar sonhando, esfregou os olhos e certifficou-se de estar bem acordado. Pegou no candieiro e monologou:

— Se não fosse ter medo de sujar os lençois, pregava-te com o candieiro nas ventas...

Saiu do quarto e foi sentar-se num cadeira, onde dormiu até ás 9 horas.

ANTONIO AZEDO



— Pedem aqui empregados de ambos os sexos. Que pena eu não ser de ambos os sexos!...

Cacharollete

De Vigo chegam noticiadas uma vez e muitas vezes de que foram despedidos trabalhadores portugueses.

Eu confesso que, ao principio, tal coisa não percebia, mas informaram-me de que eram provas de «xenofobia».

Depois disseram tambem que os tais operarios que digo haviam jurado a greve feita p'los tróthas de Vigo.

É só então me lembrei de que em toda a China havia tambem e tal movimento chamado «xenofobia».

Percebo agora a attitude dos galegos camartelos que andam, como represalia, a dar cacá aos amarelos...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Maria: has de me contar qual a diferenca que vês entre os meus dias normais e o Carnaval de verões...

Vais ao baile? Já o sei. E, vendo bem, afinal é uma coisa que faço, mesmo sem ser Carnaval!

Vais ao teatro as três noites? Afinal, que desengano! Eu vou lá todos os dias, mesmo no resto do ano!

Dizes que vais á Avenida? Que admira lá passares! Passo lá todos os dias, mesmo nos dias vulgares!

Não terás graça nenhuma. Serás vulgar e banal! ... Afinal já és assim mesmo sem ser Carnaval!

PATO MARRECO.

Quando o José da Costa celebrou as risonhas 60 primaveras, para um lauto banquete convidou uma familia amiga, das de-veras

— a familia Anchieta — que lhe deu de presente uma bela caneta de tinta permanente, verdadeiro tesouro

de prata cinzelada e bico de ouro. Ficou José da Costa radiante e como era vaidoso — era o seu fraco — trazia-a bem á vista e provocante no bolso do casaco.

Ora um dia, por entre um apertão e grande reboliço, empalmou-lhe a caneta algum ladrão sem ele dar por isso...

Leu mais adeante, por surpresa, topa o pai Anchieta, que lhe diz: «Com certeza roubaram-te a caneta!»

Val o Costa a apalpar o sitio da caneta na algibeira... e encontra-lhe o lugar... Com «ace prazenteira,

em que nem um rubor leve se pinta, diz, socegando o amigo consternado: «— O pobre do ladrão ficou roubado, mas a caneta não trazia tintal...»

Na instrução de recrutamento, dentro do quartel, o capitão, que emprega falas brutas e é ríspido e cruel, chama um recruta e mostra os três galões.

— «Oh 33 da 5ª, o que sou eu?»

O outro, unindo os tacões e posto em posição de continencia, responde:

— «Vocencia...»

— «Vocencia é capitão...»

O capitão sorriu: «E's rapaz fino e pertencer á malta... Mas olha lá, menino, para que eu seja

um dia coronel, o que me falta?» —

O recruta gagueja,

dá um geito ao pescoço

e, pondo-se outra vez em continencia, diz com modos ladinos:

— «Salva vocencia

que, como tem três finos...

... a vocencia que lhe falta um grosso...»

ANTONIO AMARGO.

O filão diamantífero

Eu poderia dizer-vos, hipocóndricos leitores, que o que lhes vou narrar foi imaginado por mim, por ter necessidade de escrever qualquer coisa. Mas não, senhores. O caso foi-me contado por um destes amigos dos diabos que não teem mais nada que fazer que sondar a vida dos outros.

Um dia appareceu em Lisboa um pobre diabo, com a cabeça tão cheia de sonhos e esperanças, como vazios trazia o estomago e a algibeira. Ambicionava arranjar um emprego onde ganhasse a vida e que lhe permitisse depois uns vãos mais largos.

A falta de outra coisa, deitou mão ao que lhe appareceu. E, se um dia distribuia prospectos, no outro vendia jornais. Fazia pela vida, e para não ter a responsabilidade duma mensalidade certa, dormi onde calhava e comia em qualquer taberna.

Uma manhã, ainda a cidade não havia acordado, encontrou no chão uma pequena pedra, que tinha um brilho estranho. Como não viu ninguém apanhou-a e começou a mirá-la. Não havia devida! Era uma pedra preciosa, um belo diamante! Os seus olhos não o enganavam. Tinha ali uma pequena fortuna, talvez o principio da sua vida. Mas como? Empenhando-o? Vendendo-o? Desconfiariam dele — e quem sabe?! — podia ser preso como ladrão. A policia não acreditaria nos seus protestos de inocencia.

Lembrou-se, então, de ver muita vez no Noticias anuncios de achados valiosos. Faria o mesmo, e, dessa maneira, o dono da pedra sempre lhe daria as alviçaras. Foi imediatamente ao jornal e fez publicar o seguinte anuncio:

«ACHADO — Entregá-se um diamante valioso, achado ontem em tal rua, a quem provar pertencer-lhe e que pague a despesa do anuncio. Rua de tal, numero tantos. — J. Boaventura.»

Durante esse dia passou um verdadeiro martírio. Até se esqueceu de comer. As ideias baralhavam-se. Vinte vezes se arrependeu de ter feito o anuncio, e outras tantas se convenceu que tinha procedido com honestidade e correção. Mas a ideia de deixar fugir das mãos uma fortuna predominava sempre nele. Era muito burro, em ir entregar a pedra ao seu verdadeiro dono, que era muito capaz de não o recompensar devidamente.

É precisamente a magiar no egoismo e na ingratidão dos homens, quando esbarrou com alguém que descia o Chiado. Era um amigo de infancia, que estava empregado numa joalheria. Que casualidade e que coincidência! Cumprimentos, manifestações de contentamento, recordações da mocidade, em que o Boaventura era acarinhado pelos seus velhos pais, numa terreola da provincia. E veio á baila o diamante achado.

O amigo, ao ver a pedra, não pde deixar de sorrir.

— Isto não vale nada! E' uma pedra falsa. Lá na loja tenho melhor do que isto, a dez tostões a duzia!

Um raio que caísse os pés do Boaventura não o deixaria mais assombrado. Se dormiu, ou não, nessa noite, ignoro-o. O que sei é que na manhã seguinte foi acordado abruptamente:

— O' seu Boaventura! Estão aqui á sua procura!

O nosso homem levantou-se á pressa. Quem seria? E se fosse a policia, para lhe pedir contas do achado? Mas não. Na sua frente tinha um cavalheiro bem trajado.

— Foi você que encontrou ontem, na rua tal, um diamante assim, assim? — E foi-lhe dando alguns sinais. — Não calcula o grande serviço que me prestou. Actos desses enobrecem quem os pratica. Continue a ser honrado pela vida fóra e terá um grande futuro. Sou eu que lh'o digo. Quanto foi a despesa do anuncio?

O cavalheiro de-pejou isto dum acto, enquanto Boaventura julgava sonhar. Afinal, quem estava enganado? Era o seu amigo, ou aquele homem? Fosse como fosse, o caso era verdadeiro, e, em troca da pedra, recebeu 5\$00 do anuncio e mais 10\$00 de alviçaras.

Assim que se apanhou na rua, foi tratar de comer, já com a consciencia tranquila. Quando voltou a casa, aguardava-o uma surpresa maior. Durante a manhã, tinham procurado duas duzias de pessoas, á procura do diamante, prometendo voltar mais tarde.

— Mas como é que isto pode ser?! Tanta gente a perder uma pedra preciosa?!

Boaventura embrenhou-se em mil cogitações e, por fim, compreendeu tudo. Pretendiam enganá-lo. Como resolveria o caso? Lembrou-se, então, do seu amigo de infancia e, correndo ao seu estabelecimento, comprou duas duzias de pedras falsas.

Os vinte e quatro donos do diamante voltaram á tarde a sua casa. E cada um pagou, sem hesitações, 5\$00 pela «pedra preciosa», saindo para a rua com um sorriso de satisfação, crenças de que tinham «levado á certa» o palerma do achador.

O que se teria passado depois? perguntará o leitor.

Passou-se qualquer coisa de tão extraordinario que o «pobre diabo» do Boaventura arranhou, dentro em pouco, uma casa sua; que um grande diario da manhã inseria, de quando em quando, anuncios identicos; e que o negocio prosperou a tal ponto que o herói da historia tornou-se possuidor de uma avultada fortuna e de uma fabrica de joias sinteticas, em Nuremberg, com sucursais de agencias de «diamantes perdidos» em todas as capitais.

Boaventura nunca esquecera a frase do tal cavalheiro:

— Continue a ser honrado, pela vida fóra, e terá um grande futuro!

BRAZ SERENO.

O Jangadas

Encontrei-o, ontem, no Rossio, triste, caminhando, cabisbaixo, num passo incerto, em attitude de vencido.

— Boa noite, Jangadas! — disse eu, tocando-lhe no ombro.

Não retribuiu o cumprimento, mas voltou-se lentamente, fixando em mim o seu olhar, de forma estranha.

— Ainda bem que te encontro! — respondeu, ele. — Tu acreditas que uma ideia estúpida consiga dominar ou, pelo menos, transformar os efeitos doutra ideia engenhosa?

— ?!

— Pois é assim mesmo — continuou ele, ante a minha muda surpresa. — Eu conto:

«Como sabes, faz hoje anos que a minha «carroça» viu a luz do dia... ou a escuridão da noite! (A «carroça» era a namorada). «Mais por habito ou preconceito, do que por sinceridade, quiz oferecer-lhe uma prenda cujo valor em escudos fosse compativel com as minhas fracas possibilidades, que se resumiam a uma nota de «dez», mas... (e é neste «mas» que está a incognita!) que pederia eu oferecer-lhe com tão pouco dinheiro?»

«Uma escóva? Um pente? Mas isso já ela tem!»

«Aborrecido e procurando a solução que tardava em chegar, arrastei meu corpo por uma infinidade de ruas.

«Na... da Mãe d'Agua, um acontecimento providencial pôs termo á minha peregrinação: um tipo que transportava, ás costas, um cesto com bonecos de barro e de cabelos compridos, escurregou, deixando cair um dos tais bonecos, que se partiu. O homem apanhou os cacos e seguiu o seu caminho, entrando numa loja perto, seguido por mim.

«Tive uma ideia: propuz ao dono da loja a compra dos tais cacos por cinco escudos, ao que ele acedeu prontamente. Recomendelhe, porém, que os metesse numa caixa, bem embrulhada, de forma a dar a impressão de ter eu comprado o boneco inteiro...»

— Jangadas, meu amigo, és um génio! — interrompi eu, visionando a solução da incognita.

— Na rua — continuou ele, desprezando o meu comentario — dei os cinco escudos que me restavam a um moço de fretes, para levar o embrulho a casa da «carroça» e que, quando chegasse, batesse á porta e deixasse cair o embrulho; que ouvisse o que eu, depois, lhe diria, que se calasse e... «cavasse»!...

— E depois? — perguntei eu, que ainda não descobrira o motivo da sua tristeza.

— Depois... depois... assim succedeu: eu chamei-lhe desastrado, que devia obrigá-lo a pagar o prejuizo, etc., etc.

«A «carroça» chamava-me «filho», «amórsinho», «que me acalmasse», «para ela bastava a minha lembrança e intenção» e, curiosa, como todas as mulheres, correu a abrir a caixa...

Jangadas interrompeu-se, cansado, mas, num arranco homerico e caricato, continuou:

— ...Abriu a caixa e...

— ... E?!...

— Sabes o que viu?!

— Naturalmente os cacos!

— Sim, os cacos, mas cada um embrulhado em seu papel!...

Quereis dinheiro?

Joga no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



Ela — Que dizes tu aos chinezes?
Ele — Não digo nada. Eles não sabem portuguez.

Epifanio casou

DESSPORTOS

Chá das... seis

Uma visita ao Congresso da Federação

Não ha ninguem que não tenha o seu fraco. Mesmo aqueles homens fortes e rotundos, dados ao desporto e a outras madurezas que nós conhecemos — mesmo esses o teem.

O Epifanio, aquele cavalheiro que vos tenho impingido de vez em quando, á falta de outro, e que é assim uma especie de pau para toda a colher, não possui nada de seu; mas tem, como toda a gente, o seu lado fraco.

Cosas da vida, e ninguem tem nada com isso. Ora, o fraco do Epifanio — que já de si é um homem débil, passe o sinonimo — não é coisa que o envergonhe. Sim. Não vades supôr...

Eu vos conto:

O Epifanio, co'os diabos, gosta do pingato. A's vezes descuida-se um pouco e ai o tempo nós com os pés trocades a endereçar lóas á lua, a mastigar as palavras, a embirrar com o parceiro do lado porque olhou para ele duas vezes seguidas sem dizer nada val — elha agua, que porcaria! — em suma, com todos os sintomas dum modernissimo ctilizado.

Um dia, o mesmo homem resolveu casar. A fraqueza deu-lhe parte ali, e pronto, não havia ninguem que o demerresse de semelhante disparate. E o mais interessante é que casou, casou e casou mesmo.

Foi um facto.

Os amigos é que não lhe perdoaram a leviandade. — Que tinha de oferecer uma ceia de despedida, como é habito; que era preciso dizer adeus á vida de solteiro num ágape succulento, entre os companheiros mais queridos.

E assim foi.

O Epifanio arrostou com mais e a despesa — a ultima daquela vida de boémio que levava pelos anos fóra.

Aquillo foi obra. Depois de comorem bem, beberam ainda melhor. Nem podia deixar de ser, tanto mais que a ceia fóra dedicada a deus Baccho. A's tantas, findo o repasto, estavam todos como os anjinhos, bebados que nem um cacho.

O Epifanio, para não desmerecer dos seus créditos, tomou um pisão de arromba. Já nem se lambia, no dizer dos seus numerosos amigos.

Brindes, abraços, choros, o diabo a quatro.

Já tarde da noite, recolheram todos a penates. Iam sendo horas.

O pior é que o Epifanio tinha prometido á mulher que nunca mais se tomaria do pingato nem recolheria a casa fóra de horas. E foi por isso mesmo que, com grandes dificuldade, conseguiu abrir a porta da rua e descalçar as botas para não fazer barulho. Mas o diabo tece-as, e, justamente quando penetrava no quarto, pé ante pé, o relonjo atirou, lugubrememente, para o acanhado recinto, três sonoras badaladas.

Foi um sarilho. A esposa acordou e deparou com o marido naquella triste e ridicula situação.

Epifanio, então, não perdendo a compostura, fazendo um esforço enorme para conservar o equilibrio, volta-se para o relógio e tibia:

— Está bem. Já sei que é uma hora. Escusas de estar para aí a repeti-la tantas vezes...

MAXIM.

Vale a pena assistir a uma reunião da F. P. F. A. Aquillo é dum comico irresistivel! Fala-se muito, mesmo demais, mas não se resolve nada. As melhores ideias são derrubadas. E as piores ideias triunfam! Em resumo: um pagode...

Adeante se verá como um redactor do *Sempre Fixe* observou o Congresso...

A actual Direcção do Organismo Máximo apoiava, incontestavelmente, o Projecto do Regulamento do Campeonato de Portugal apresentado.

As votações resultaram um ruído abalo para as convicções desportivas da Direcção. Donde se conclue que a Província começa a pensar pela sua cabeça...

O delegado Rosmaninho, que não desarmou, insurgiu-se, no inicio da sessão, contra a eliminação dum determinado arbitro.

O presidente do Congresso, com o melhor dos seus sorrisos, esclareceu que o assunto pertencia á segunda parte da ordem.

Resultado: o Antonio Soares, sempre o mesmo, pôs o Congresso em estado de sítio...

Henrique Prazeres, começando o seu discurso: — «A minha Associação...»

Silêncio profundo. Um delegado, a interromper:

— «Mas qual é a sua Associação?»

Antonio Braz iniciou assim a sua oratoria: — «Enquanto delegado da A. F. de Leiria, obedecerei a todas as indicações da minha Associação...»

O ex-delegado de Leiria, Rua Dias, estava na sala e o solo não se abriu para o tragar...

José Neves, que marcou, falando, apelidou Vergílio da Fonseca e José Barbosa de *paladinos da moralidade...*

Oh! Ironias do Destino!

Uma frase espirituosa do director Carlos Alberto: — «Para nós, Federação, não ha pequenas nem grandes Associações. Ha, apenas, Associações...»

Capitão Raul Martinho: — «A A. F. L. entende que não ha pequenas nem grandes Associações». Uma interrupção de Antonio Soares:

— «Olé! olé! Mas não era isso que a A. F. L. pensava o ano passado...»

Consternação na sala!

O Congresso teve a virtude de demonstrar que a harmonia reina no seio da A. F. P.

Prova do que afirmamos: Valente Perfeito, elemento do Academico, é um dos novos delegados...

O bom espirito de Henrique Prazeres revela-se sempre. Falando para Carlos Alberto:

— «V. ex.ª, apesar de ser uma cabeça como ha poucas...»

Um conceito de Henrique Prazeres falava-se na passagem, automaticamente, do campo da 2.ª Divisão para a Divisão de Honra:

— «O ser automatico, ou não ser automatico, não interessa.»

Réplica de Carlos Alberto: — «Até pa' esse que estamos na Companhia dos Telefones...»

Depois de longuissima discussão, realizou-se a primeira votação. A proposta que estava a ser votada, acatando os interesses das chamadas pequenas Associações, foi rejeitada por Bragança e Vila Real...

Santos delegados e abençoadas delegacias!

Como sempre, até para não fugir ao habito, houve uma certa pesca de delegades...

Aconselhamos quem queira ser delegado a aparecer no Congresso...

JONICA.

Minha adorada. A' doçura da noite devo este feliz momento. Vou-me pôr novamente em contacto com as perolas dos teus olhos, quais corallinas da Persia. Não, Carolina, não. Não sou o que tu pensas e de que me fazes ciente na tua ultima carta: futurista ou destrambelhado. Que coisa! Não, Carolina. Sou apenas teimoso, muito teimoso, ou, talvez, não.

Se me conheço, perguntas se quero crer, ingenuamente. Conheço-me, sim, como se conhece a noite luminosa, pela tarde, quando esta decorre branda, que está tudo em sosiego, em silencio, ouvindo-se somente o murmurio das aguas do ribeiro, com suas paginas de luz argentea... quando as chamas do fogão salpican de sangue os pratos arabe da casa daquela celebre Columba, e as carnes cheiravam a folhas de louro. Conheço-me sim.

Ataço é crime, é infâmia, é destruição. Não me parece superior a todas as do teu sexo? Também o macho parece muitas vezes um bonito veado nos olhos de sua mãe, a mãe-caca! E eu, triste de mim, ando também com a caca...

Penso sempre em ti, quando meditabundo, quando

O dia feio e languido d'olina Da An-Maria ás dozes badaladas Em sítio encante as aras pertimadas sobre do vale e desce da colina.

E quantos paradisos? Não trem conta. A's vezes, ao cair da folha, sonho que estou subindo aos cumes das montanhas que são as aguas furtadas deste lindo Portugal. Desperto. Triste ilusão. E' mais que noite, muito mais mesmo. E' o momento do Luar, o grande rei da madrugada, estar despindo o seu fato negro, enfarruscado. Vai vencer a Aurora, morrer a madrugada. Vai nascer o dia. Estou, então, gelado, muito gelado, como a neve pura. Penso no tumulto, mansão de descanso, mas a Parca não me ouve. Porca de vida esta, em que já não se atende quem quer deixar este mundo, imundo! Este mundo cheio de diademas e de flôres celestiais para uns e de agruras, de tormentos, de sífilis para outros.

Não me tortures. Acalenta sempre a minha esperança. Não sou, é certo, futurista, mas acredito e antevejo o Futuro, todo cheio de plantas espinhosas, exercitos de mosquitos, cafeteiras jazzbandistas, pirilampas, morecos, papuszes e papos-sêcos, galdérias, guardas-nocturnos indecentemente fardados, etc. E atravez este etc., antevejo tambem a falencia da Feriedade das Nações e os pobres amulantes do Oriente, nas suas tôseas cabanas, a rirem, a rirem muito dos falsos pacifistas, de ti, de nós todos, enfim.

RIO QUIN.



Ele: — Foste á caça e trazes-me peixes?
Ela: — E' que são peixes voadores...



— Que seria de nós se não fossem os paraixos artificiaes!

Sortes grandes ?
na PINA, os vendos
75 - Rua de S. Paulo - 77

ECOS DA SEMANA

AS MISSAS PELA AVIAÇÃO DA "ETERNA DESCONHECIDA" SENSIBILIZARAM MUITO O PAI ETERNO QUE PROMETEU NÃO OS DEIXAR CAIR EM TRAMBULHAO... AMEN



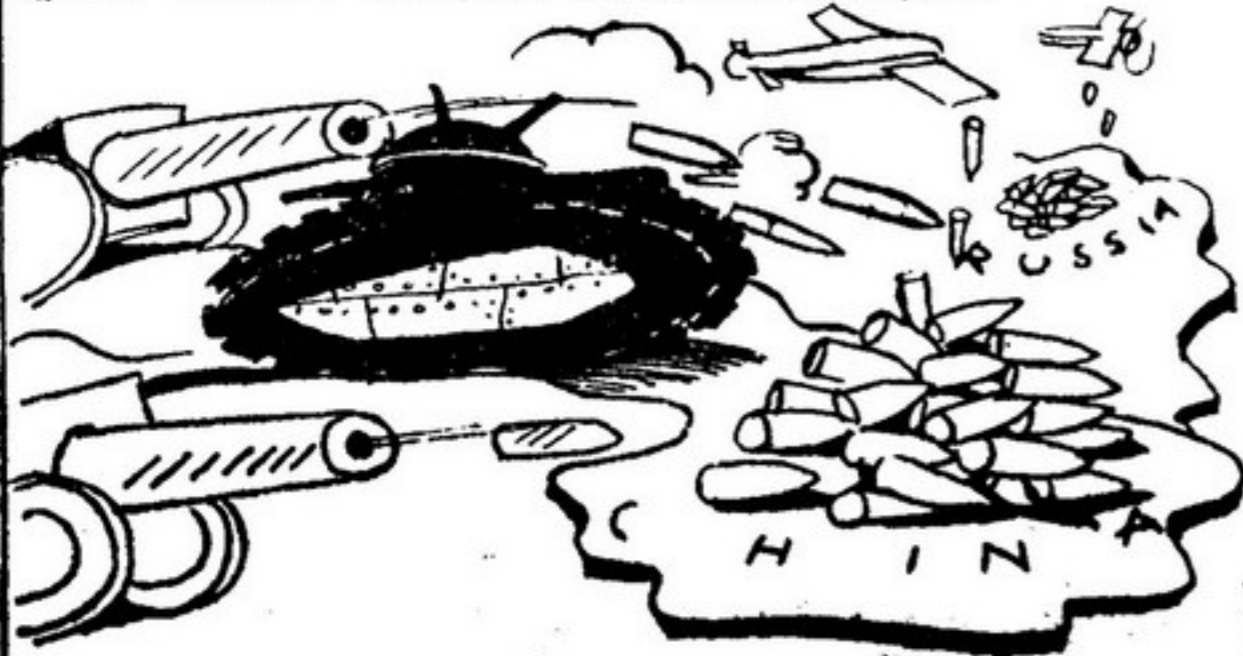
A POLICIA DE LOS ANGELES MALTRATA A LYSISTRATA ARISTOFANES-DANTAS E NÃO A DEIXA REPRESENTAR PORQUE APARECEU LA' O NOSSO "PARCEMAL"



FOI DISSOLVIDA A COMPANHIA DE JESUS NÃO HAVENDO QUEM A QUEIRA CONTRATAR. ... FUGI DAS MÁS COMPANHIAS ... MAS TALVEZ CON VENHA AO ERICO PARA O CAR-NAVAL.



VAI COMEÇAR BREVEMENTE A CONFERENCIA DO DESARMAMENTO. DESPEJANDO PARA AÍ PARA QUAL QUER LADO... SÓ ASSIM ACABA O MATERIAL...



ALA NEDA DE TORRES! AQUI NESTE CAMPO GRANDE NÃO SE QUER MAIS ESTRUME. — APOIADO MESMO SEM UMA DE CADA LADO



EM ESPANHIA É TAL A CONFUSÃO DE NARIZES QUE ANDAM UNS AOS OUTROS A PREGUNTAR O QUE SE PASSA. MANHOSOS.



O S. JOSÉ D'AROSA E A JU DIA PENCA LEVY QUE VÃO DEPOIS DO CON CERTO NO TIVOLI EM PRIGRINAÇÃO PELO PAÍS. ATÉ AO INFINITO.



... É DEPOIS QUANDO ESTIVER MUITA COISA DE PATIFADA ... VIRÃO AS REPARAÇÕES ...